

A psicologia e seus sujeitos

CLECI MARASCHIN
MARGARETE SCHAFFER

Cada teoria psicológica constrói seu objeto de estudo e, ao mesmo tempo sua modalidade de investigação. Estas construções são de uma natureza diferente dos fatos e acontecimentos concretos e instituem uma ruptura com o senso comum. É por isso que podemos listar, na psicologia, diferentes construções conceituais de sujeito que demarcam formas de apreensão e explicação da realidade, remetendo a uma especificidade tanto teórica quanto metodológica. Como comenta Morin (s/d p. 16), em relação às disciplinas científicas em geral, também encontramos "fraturas" resultantes de saberes disjuntos e fragmentados quando confrontamos estas diversas conceituações.

Apesar do processo disjuntivo das construções teóricas, alguns autores sentiram o desafio de refletir na direção da reconceitualização do objeto 'sujeito' buscando uma conjunção das diferenças. Um destes autores é Jean-Marie Dolle. Tal empreendimento enfrenta um problema inicial: o da diversidade das construções, o da disciplinarização do saber. Não se trata de tentar estabelecer uma verdade pela via da integração das semelhanças teóricas, em que cada teoria contribuiria com um dos aspectos para uma idéia geral de sujeito; mas sim, partir da hipótese de que a própria idéia de sujeito comporta em sua unidade, uma diversidade.

Neste trabalho nos propusemos indagar a epistemologia da afetividade proposta por Dolle a partir das questões colocadas pela psicologia genética e pela psicanálise acerca de suas concepções de sujeito.

1) Os "Sujeitos" da Psicologia Genética

Encontramos a palavra "sujeito" na psicologia genética com dois adjetivos: sujeito epistêmico (ou qualquer) e sujeito psicológico (ou individual). É o próprio Piaget quem enfatiza a necessidade de tal diferenciação:

"(...) é conveniente de início recordar uma vez mais o equívoco eterno que paira sobretudo nas atividades do sujeito e que conduz os espíritos não advertidos (...) a confundir o sujeito individual e o sujeito epistêmico ou "qualquer". Para fazer a comparação entre uma operação particular, como a de aplicar a extração da raiz quadrada a um número negativo e as regras de composição de uma estrutura operatória, como na construção de uma sucessão ordenada, constata-se de fato, que só a primeira dá lugar a decisões em função de um conjunto de razões mais ou menos conscientes relacionadas aos hábitos do espírito de um sujeito individual por oposição aos outros sujeitos (...) é uma decisão onde a vontade de generalização operatória leva vantagem sobre o absurdo aparente. A isto parece então se tratar a atividade do sujeito, enquanto que um todo constituído como o cálculo dos quaternos de Hamilton (...) o sujeito parece afastado da cena em proveito das estruturas independentes dele (...). Mas ao procurar as raízes de uma estrutura tão geral, como a sucessão de um todo ordenado, percebemos que sob as decisões de um sujeito individual se manifesta uma série de pressuposições muito mais profundas, que jogam um papel necessário enquanto condições das próprias atividades mesmas de todo o sujeito, qualquer que ele seja." (Piaget, 1967, p.563).

Para além do sujeito individual, "em sua consciência e sua idealização particulares, é necessário considerar as estruturas das coordenações das ações comuns a todos os sujeitos e são estas coordenações gerais (tanto psicológicas como mentais) que nós chamamos de sujeito epistêmico" (ibidem, p.564).

As coordenações gerais da atividade humana, ou melhor, o sujeito epistêmico, é o resultado de uma construção. E é por isso que se diferencia do sujeito transcendental de Kant. Ele não é um dado a priori nem do sistema nervoso nem do pensamento. Mas tem uma gênese. Piaget postula um "isomorfismo estrutu-

ral entre as organizações biológicas e as organizações cognitivas" (Piaget, 1967). As funções de todo o organismo vivo que são a adaptação ao meio e a organização interna, constituem o elo comum entre o biológico e o lógico. Estas "invariáveis funcionais" são a origem do sujeito epistêmico.

O sujeito epistêmico é um sujeito que se constrói (se estrutura) pela sua própria atividade, através de um processo de descentração que lhe possibilita uma melhor compreensão do mundo e de si mesmo. Resulta assim, a possibilidade de construção de uma autonomia em relação tanto às condições do ambiente quanto às próprias condições psicológicas: se uma operação particular pode parecer depender das decisões de um sujeito individual, a composição das operações em estruturas de conjunto é regulada do interior por um conjunto de condições prévias, de tal maneira que as estruturas mais interiores são as mais independentes das decisões "subjetivas". O mecanismo através do qual esse processo se realiza é o da abstração reflexionante. Se as funções são fixas, a estrutura é, então, variável. Um dos resultados mais significativos da epistemologia genética foi a descoberta que as diversas estruturas do sujeito epistêmico correspondem a organizações lógico-matemáticas como o grupo dos deslocamentos práticos, o agrupamento e o grupo INRC.

Os fatores exógenos (condições sociais, econômicas e culturais) não determinam a forma da estrutura ainda que possam modificar o ritmo da construção. É uma concepção vetorial de desenvolvimento.

Segundo Inhelder, a década de 70 marca uma mudança de ênfase nos estudos do Centro de Epistemologia Genética. Esse movimento é por ela definido: "das estruturas aos processos" (Inhelder e Piaget, 1980; Inhelder, 1987). Ele orienta um interesse crescente aos aspectos funcionais da cognição: tomada de consciência, abstração, generalização, possível e necessário, etc. Essa nova ênfase redefine o status de sujeito psicológico. Ele não é mais definido pela negação ao sujeito epistêmico: o não universal, o individual; mas sua positividade passa a ser explicitada:

"Assim todo indivíduo encontra-se na posse de dois grandes sistemas cognitivos, aliás complementares: o sistema representativo fechado, de esquemas e estruturas estáveis, que serve essencialmente para "compreender" o real, e o sistema de procedimento, em mobilidade contínua, que serve para "ter êxito", para satisfazer necessidades portanto, através de

invenções ou transferências de processos. É preciso observar então que se o primeiro desses sistemas caracteriza o sujeito "epistêmico", o segundo é relativo ao sujeito psicológico. (Piaget, 1985, p.9)

2) O Sujeito do Inconsciente

A idéia de um sujeito do inconsciente parece na sua própria enunciação paradoxal.

Freud não utiliza a expressão "sujeito do inconsciente". Trabalha com o conceito de "aparelho psíquico" que é constituído em instâncias: a primeira, compreende o consciente e o pré-consciente, lugar da ordem; e a segunda, o inconsciente, situada para além da ordem. A cada uma destas instâncias a psicanálise faz corresponder um sujeito: para a primeira o sujeito da consciência ou do enunciado (sujeito gramatical), e para a segunda, da enunciação ou o sujeito do desejo, sujeito do inconsciente (termo incorporado ao vocabulário psicanalítico a partir de Lacan). "No lugar do penso, logo sou" de Descartes, Freud nos propõe um **desejo**, logo sou, à condição de não se confundir aquele que deseja e aquele que enuncia que deseja" (Roza 1991, p.113).

A conceituação de sujeito de Descartes, que pela consciência reflexiva, opera uma distinção entre sujeito pensante e o objeto de pensamento é oposta àquela de sujeito explicitada por Lacan. "O sujeito cartesiano é, pois, um sujeito substancial e, o que é mais importante, plenamente consciente. (...) o sujeito do inconsciente vai dizer respeito precisamente ao que está ausente no sujeito do enunciado. O *eu penso* cartesiano não se distingue dos próprios pensamentos, ao passo que Freud vai nos dizer que há pensamentos que não estão presentes na consciência e que são por ela recusados" (Ibidem).

Há uma identidade no sujeito cartesiano (plenamente consciente) que "falta" ao "sujeito da psicanálise", já que a marca distintiva deste último é a falta da identidade: "O inconsciente não é nem ser nem não ser", diz Lacan, "ele é da ordem do não realizado" (Ibidem, pág. 114).

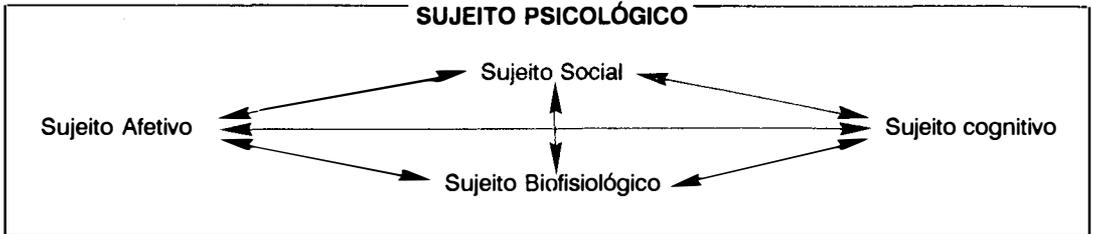
Para a psicanálise o sujeito na condição de reflexividade é o resultante da castração.

"O sujeito não tem origem, portanto não se desenvolve mas, pelo contrário, ele se constitui, graças a duas operações lógicas (...) que a teoria chama de estádio do espelho e complexo de Édipo (Lajonquière, 1993). Essa conceituação de sujeito como resultante faz que Lacan fale em sujeito como essencialmen-

te dividido, o sujeito pensante tem apenas a verdade parcial. Existem pensamentos não evocáveis pela consciência, isto é, os inconscientes, que funcionam como a força produtora do sonho: os desejos inconscientes. "Falar do sujeito do inconsciente, é pois falar do sujeito do desejo. É este sujeito desejante que insiste, na e pela cadeia significante" (ibidem).

3) O Sujeito Psicológico de Dolle

Dolle (1979, 1987), parte de uma definição de sujeito psicológico como sendo sujeito epistêmico + sujeito afetivo. No pós-fácio do primeiro livro, aponta para a hipercomplexidade da constituição do sujeito psicológico acrescentado o sujeito social e o biofisiológico:



Essa hipercomplexidade constitui uma totalidade psicológica que só é compreensível nos quadros de uma dialética complexa. Dolle amplia o conceito de meio de Piaget, apontando para o meio natural, social, sócio-cultural e familiar. Essa ampliação é que permite o autor avançar em relação ao interacionismo piagetiano (S - O), caracterizando todo o processo de constituição do sujeito a partir de um interrelacionismo (S₁ - S₂), que comporta e extrapola o próprio interacionismo. Constitui assim uma unidade a partir de uma multiplicidade caracterizando desta forma a psicologia genética em sua "verdadeira dimensão" (Dolle, 1979, p. 129).

Cada sujeito se elabora separadamente, tendo assim uma especificidade, mas ao mesmo tempo, em interação com os outros o que permite estabelecer características comuns. Assim o sujeito psicológico, concebido como totalidade hierárquica complexa e integrativa, compreende:

O sujeito biofisiológico é o que fornece a base de constituição dos vários sujeitos, compreendendo tudo o que se refere ao corpo do sujeito, como suporte e condição de aparição de todos os outros sujeitos.

Já o sujeito afetivo, indissociável dos outros, notadamente do biofisiológico, se coloca como o lugar das pulsões, emoções e sentimentos. Esta dimensão está em relação com a atividade do sujeito psicológico e com os efeitos do meio. Diferentemente do sujeito do desejo da psicanálise, o sujeito afetivo se desenvolve.

Também enraizado no sujeito biofisiológico está o sujeito cognitivo que se refere à parte do sujeito que constrói os conhecimentos sobre

o meio exterior e sobre ele mesmo. Para Dolle é a psicologia de Piaget que melhor formaliza esta construção, mas limitando-se apenas a um sujeito epistêmico já que o sujeito cognitivo, para este autor, é aquele que faz a gestão, conservação e aquisição dos conhecimentos.

O sujeito social é a interiorização sob os planos afetivo, cognitivo e biofisiológico dos hábitos, das regras, das interações sociais as mais diversas.

Dentro de uma perspectiva genética e diacrônica do sujeito, o autor comenta que em qualquer corte (sincrônico) desta gênese (diacronia) encontra-se sempre o mesmo gráfico dos sujeitos em interação. Seu estado é ao mesmo tempo constituído e em constituição. Nesta mesma gênese podemos seguir as transformações de cada sujeito em particular e em interação com os outros. Existem períodos onde ocorre a prevalência de um sujeito em relação aos outros, como por exemplo, a prevalência do sujeito cognitivo sobre todos os outros no período da latência. Os períodos de prevalência podem ter durações variáveis. Os vários sujeitos estão imbricados em sincronia, mas isso não revela nenhuma hierarquia de um sobre outro, apenas alternâncias na predominância momentânea. O que há é hierarquia das estruturas de atividade que implica em níveis integrativos sucessivos os quais se definem por: "suas propriedades de conjunto que dependem do que as estruturas da atividade tornam possível" (Dolle, 1987, p. 33). O mesmo fenômeno se encontra em cada sujeito em particular. Cada um destes níveis funciona não somente em sua estrita especificidade de conjunto, mas torna

possível um nível mais elevado. O sistema integrativo não é harmônico em seu funcionamento, podendo comportar retardos ou avanços de uns em detrimento de outros sujeitos. O funcionamento comporta também regressões pela impossibilidade da experiência total.

3.1) A hipercomplexidade e a fragmentação do sujeito psicológico:

A discussão da proposição de Dolle contida em "De Freud à Piaget" nos desafiou a uma releitura da noção de sujeito na psicanálise e na epistemologia genética para compreender as fontes do autor.

O sujeito epistêmico veio responder a uma questão epistemológica: a da possibilidade da racionalidade humana naquilo que tem de mais geral e comum a todos os sujeitos. O próprio desenvolvimento teórico, possibilitou aos piagetianos uma diferenciação e posituação do sujeito psicológico.

Já o sujeito psicanalítico veio responder as "faltas" do sujeito racional. Assim, o sujeito do inconsciente começa a ser forjado pelos atos falhos, pelo sonho, pelos sintomas, situações onde a racionalidade não predomina. A análise deste sujeito constrói um saber que é diferente do conhecimento científico.

No segundo livro: "Au-delà de Freud et Piaget", o autor faz uma releitura destas teorias construindo um sujeito que, ao mesmo tempo que tenta compreender as conceituações das teorias, reorganiza-as dentro de um quadro de "hipercomplexidade" do sujeito psicológico. Esta construção "complexa" revela também a

fragmentação da própria psicologia na construção de seu objeto.

Dadas as considerações anteriores, nosso propósito, de confrontar esta nova elaboração de sujeito com suas preteritas fontes, fica redimensionado. Encontramos um novo "sujeito psicológico". Novo, no sentido de tentar articular diferentes conceituações psicológicas de sujeito em uma totalidade. Neste esforço, não fica claro o que este conceito pode contribuir para elevar a psicologia de um patamar de dispersão para um de articulação. Isto porque nos parece que sua tentativa articula diversos cruzamentos que constituem o sujeito em duas dimensões: sincrônica e diacrônica. Para uma noção hipercomplexa é necessário ultrapassar o eixo espaço temporal e pensarmos numa "multicronia".

Ao tratar a hipercomplexidade nestas duas dimensões, descaracteriza as contribuições tanto da psicanálise quanto da epistemologia genética. Assim, o sujeito cognitivo difere do sujeito epistêmico, ao mesmo tempo, que existe em cada um dos sujeitos que compõem o sujeito psicológico do autor, uma estrutura epistêmica própria. Parece haver aqui uma fragmentação do sujeito epistêmico de Piaget, coisa que Dolle queria evitar. Quanto ao sujeito do inconsciente da psicanálise, encontra-se minimamente referido ao sujeito afetivo. Já que o sujeito afetivo constrói-se a partir da organização da atividade e ela se dá ao nível da realidade, trata-se somente do sujeito da necessidade (do antecipável) e não o do desejo que é inantecipável e, por isso, não entra em um paradigma desenvolvimentista.

* * *

Referências Bibliográficas

DOLLE, Jean-Marie. *De Freud a Piaget*. Lisboa, Moraes, 1979.

_____. *Au-delà de Freud et Piaget*. Toulouse, Privat, 1987.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O vazio e a falta - a questão do sujeito na psicanálise. *Anuário Brasileiro de Psicanálise*. Vol. 1 nº 1. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.

INHELDER, B. e PIAGET, J. Procedures and structures in OSLO. D. *The social foundations of language and thought: essays in honor of Jerome S. Bruner*. New York, W. W. Norton, 1980.

INHELDER, B e outros. Das estruturas cognitivas aos

procedimentos de descoberta. In LEITE, L. (Org.) *Piaget e a escola de Genebra*. São Paulo, Cortez, 1987.

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *De Piaget a Freud. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Vozes, Petrópolis, 1993.

MORIN, Edgar. *O método III. O conhecimento do conhecimento/1*. Lisboa, Publicações Europa-América, s/d.

PIAGET, J. *Logique et connaissance scientifique*. Encyclopédie de la Pléiade. Paris, Gallimard, 1967.

_____. *Biologie et connaissance*. Paris, Gallimard, 1967.

RIVIÉRE, Angel. *El sujeto de la psicología cognitiva*. Madrid, Alianza Editorial, 1987.

_____. *O possível e o necessário*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

* * *

Cleci Maraschin e Margarete Schaffer são alunas do Curso de Doutorado da UFRGS.